

Eus sobre a Casa Racial: (re)conhecendo e (re)modelando os grilhões raciais

*I's About the Racial House:
(Re)cognizing and (Re)shaping the
Racial Shackles*

Janaina de Lima Ferreira

Doutoranda em Letras, Estudos Africanos e Afro-brasileiros pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil
janainaferreira.jf231@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6092-7914>
<http://lattes.cnpq.br/4248414681293372>

Resumo: Neste artigo¹, fruto da minha pesquisa de mestrado, problematizo a construção e a permanência da noção de “casa racial” por meio da metáfora do “home” de Toni Morrison (2020), nas obras *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo (2017) e *Maréia* de Miriam Alves (2019). Para tanto, entrecruzei os pensamentos de Toni Morrison, Abdias Nascimento, Clóvis Moura, Beatriz Nascimento, bell hooks, entre outros. A hipótese é

¹ Este artigo é fruto do quarto capítulo da minha dissertação, fomentada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que desenvolvi no programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Roland Walter.

que, ao investigar essas tensões produzidas no limbo dessa casa, será possível produzir rotas, encruzilhadas e outros caminhos para a superação de suas correntes, ou ao menos instigar produções que se desafiem a caminhar pelos perigos da casa racial. Portanto, através deste trabalho, evidenciei a urgência de provocarmos discussões acerca da possível saída da casa racial, de pensarmos em outros, novos e antigos fluxos, movimentos e deslocamentos no tempo-espaco diaspórico, para que possamos (re)construí-la como um espaço onde a raça não determine todas as relações, um “home”.

Palavras-chave: Literatura negra; Diáspora; Casa racial; Home.

Abstract: In this article, a result of my master's research, I problematize the construction and permanence of the notion of the “racial house” through the metaphor of the “home” by Toni Morrison (2020), in the works *Ponciá Vicêncio* by Conceição Evaristo (2017) and *Maréia* by Miriam Alves (2019). To this end, I intertwined the thoughts of Toni Morrison, Abdias Nascimento, Clóvis Moura, Beatriz Nascimento, bell hooks, among others. The hypothesis is that, by investigating these tensions produced in the limbo of this house, it will be possible to create routes, crossroads, and other paths to overcome its chains, or at least to inspire works that challenge themselves to navigate the dangers of the racial house. Therefore, through this work, I highlighted the urgency of provoking discussions about the possible exit from the racial house, of considering other, new and old flows, movements, and displacements in the diasporic time-space, so that we can (re)build it as a space where race does not determine all relationships, a ‘home’.

Keywords: Black literature; Diaspora; Racial home; Home.

1. A metáfora do lar de Toni Morrison em diálogo com Bell Hooks, Abdias Nascimento e Nêgo Bispo

Ir além da raça, subvertê-la e superá-la definitivamente enquanto marca que categoriza identidades em hierarquias pré-estabelecidas por poderes sociais, reverbera como uma tentativa de criar uma ideia de humanidade mais justa. Nessa perspectiva, Toni Morrison (2020) tece páginas gesticulando a diferença entre “o corpo escravizado e o corpo negro”. Para Toni Morrison (2020: 107), “a desonra associada ao corpo escravizado para o desprezo pelo corpo negro se deu quase que de forma harmoniosa, pois os anos intermediários do Iluminismo assistiram ao casamento entre estética e ciência” e a “movimentação em direção a uma brancura transcendente”.

Em diálogo com Abdias Nascimento (2016: 182), “nenhum sofisma, nenhum véu ou mentira conseguiria de agora em diante ocultar impunemente a realidade genocida em que se decompõe o negro brasileiro”. Deste modo, indago: como transcender essa casa racial enquanto sujeito racializado? Como subvertê-la quando se é formado por meio (e entre) a imbricação de suas raízes e rizomas? De acordo com W. E. B. Du Bois (2021: 125-129), “enquanto essa ferida estiver cicatrizando as raças precisarão viver por muitos anos lado a lado”. Conforme o autor, para realização deste trabalho “será necessária uma das operações sociais mais delicadas e formidáveis da história moderna. Exigirá mentes abertas, homens corretos, tanto brancos como negros e, em caso de sucesso, será o grande triunfo da civilização norte-americana”. Não só norte-americana, mas de todo o mundo.

W.E.B. Du Bois, nascido em 23 de fevereiro de 1868 em Massachusetts, foi um influente intelectual e ativista do movimento negro. Uma figura que revolucionou o debate sobre raça no século XX. Sua voz ecoou constantemente clamores por mudança e reconstrução da história. Ele morreu em 27 de agosto de 1963 em Acra, Gana, um dia antes do célebre discurso de Martin Luther King Jr: “Eu Tenho Um Sonho”. Eu o cito como uma das principais vozes que inspiram a comunidade negra na vida diaspórica. Seus ensinamentos plantaram em meu corpo-alma negro o desafio de me ver além do “véu da raça” e, também, de me desafiar na construção de diálogo no meu próprio refazer do *self*. Por isso, eu o considero um “personagem” da história que modificou e continua a modificar os discursos, os estudos e as lutas contra as opressões que

todos nós, negros descendentes de africanos, enfrentamos nas Américas. Suas palavrasressoam continuamente os desafios e a necessidade de transcendermos o “véu da raça”. Memórias que há mais de um século ainda ecoam em nossos corpos desterritorializados. Escritos que os leio utilizando o mote do discurso de Martin Luther King, como um dos sonhos de W.E. B Du Bois, assim como a continuidade do meu, seu e nosso sonho. Afinal, todos temos um sonho!

Lendo essas palavras escritas há mais de cem anos, gostaria de dizer que elas influenciaram continuamente na (re)construção de um mundo mais justo para todos, independentemente da raça. Mas essa ação é uma de muitas outras que ainda estamos aprendendo. Alguns se desafiaram a caminhar pelos perigos da casa racial como, Toni Morrison, bell hooks, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Lima Barreto, Machado de Assis, Nêgo Bispo, Abdias Nascimento, Roland Walter etc.

Desse modo, pontuo que tecer críticas reflexivas acerca da casa racial pode possibilitar a construção de diálogos entre os sujeitos da Diáspora Negra. Assim, será possível sair dessa casa racial enquanto sujeito racializado por ela? Ou subvertê-la sem uma hierarquia de poder? Afinal, o que é (e como funciona) essa casa racial na Diáspora Negra? O que é preciso para determinar uma escrita como fruto e/ou produto dela? E, por fim, não estaríamos todos atados, acorrentados à casa racial? Já que, nas palavras de Toni Morrison (2020: 175), um mundo onde a raça não importa muitas vezes termina com histórias utópicas: “nem eu nem vocês jamais vivemos em um mundo onde a raça não tivesse importância. Tal mundo, um mundo livre de hierarquias raciais, é frequentemente imaginado ou descrito como paisagem utópica, edênica, tão remota são as possibilidades de sua realização”.

Assim, esse desafio que continua segundo as palavras de Toni Morrison (2020: 176), “enquanto escritora já e sempre racial”, é um desafio que permanece ao longo da minha escrita. E, à vista disso, pergunto: depois de criar, construir e reconstruir a mim mesmo por meio de suas raízes e rizomas, como questionar a casa racial de dentro, entre e fora dela? Para Nêgo Bispo², (2015: 89-90), o “grande desafio resolutivo [...] para mim é transformarmos as nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências”.

² Uso o nome Nêgo Bispo, pois é assim que Antônio Bispo dos Santos é amplamente reconhecido. Opto por essa denominação porque acredito que ela melhor representa todo o seu trabalho e esforço para ingressar em espaços hegemônicos, seguindo os princípios da contracolônização.

Toni Morrison (2020: 176), em resposta aos desafios que enfrenta para incentivar produções voltadas para a superação das barreiras raciais, pensa na casa enquanto lugar que precisa ser remodelado e dá três razões para isso. Primeiro: “distinguir radicalmente a metáfora da casa e a metáfora do lar me ajuda a desanuviar meu pensamento sobre construção racial”. Em segundo lugar, subvertê-la como um lar pode levar “para longe dos futuros impossíveis ou de um passado irresgatável que talvez nunca tenha existido, aproximando-a de uma atividade humana factível e administrável”. E em terceiro lugar, “porque eliminar a potência das construções raciais na linguagem é o trabalho que posso fazer”.

Por meio da linguagem, Toni Morrison (2020) reconhece a existência da casa racial e incita a urgência de reconstruí-la, já que a saída estaria tão contaminada quanto a estadia anterior. Assim, por me situar de dentro e por meio da casa racial, vejo-a como um espaço narrativo a controlar as redes identitárias da Diáspora. Mas, ao invés de analisar esta casa por suas rachaduras, fissuras e formas de superá-la, por enquanto observo as tensões que a construíram através da literatura negra-brasileira: destaco que ao subvertê-las é possível criar outros caminhos dentro, entre e além de suas barreiras. Reelaborando as tensões, não apenas em conflitos e não diálogos, mas (re)configurando-as em possíveis redes de convivência e produzindo outros olhares:

Poderia eu redecorar, remodelar, sequer reconceber a casa racial sem abdicar de um lar todo meu? Essa liberdade inventada, voluntariosa, demandaria também uma falta de lar igualmente inventada? Eu me condenaria a eternos surtos de nostalgia pelo lar que nunca tive e que nunca conhecerei? Ou seria necessária uma circunspeção intolerável, um laço de autocensura ao *locus* original da arquitetura racial? Em suma, por acaso eu não estaria (e assim permaneceria) atada a uma ideologia fatal mesmo (e especialmente) quando arregimentava toda a minha inteligência para subvertê-la? (MORRISON, 2020: 133).

Para tanto, Toni Morrison (2020: 130) confronta os perigos e desafios de reformular a casa racial em um lar. Um dos perigos recai em voltar-se à noção da casa revertendo os papéis. Ao fazer isso, corre o risco de se tornar a própria corrente. No entanto, apesar dos perigos e desafios, o dever de casa para todos é “repensar os apegos sutis, mas penetrantes que nós todos podemos ter à arquitetura da raça”. Uma tarefa pendente que não concluímos. Refletir sobre o

quanto isso nos aprisiona e o quanto nos submetemos a isso é uma prática em cadeia que pode manifestar as armadilhas e os grilhões raciais.

De acordo com bell hooks (2022), na obra: *Escrever além da raça: teoria e prática*, sair da casa racial consiste na árdua atividade crítica contra uma narrativa que controlou e continua a controlar a vida de milhares de negros(as): a “supremacia branca”. Ao rompê-la, criticá-la, desamarra-se dela e, mais importante, ao manter-se sempre alerta aos seus grilhões estaríamos rompendo com seu controle neocolonial. Dessa forma, bell hooks (2022: 30) desafiou a si própria a “pensar e escrever além dos limites que nos mantêm hiper-racializados”. Para ela, essa atividade está além de um discurso crítico sendo a única forma verdadeira para a libertação da humanidade.

Mas como ir além do binarismo e, assim sendo, sair da casa racial projetada pela supremacia branca? Para bell hooks (2022: 157) apenas será possível superá-la, partindo de lá. Nessa partida, é necessária uma consciência crítica, um cuidado para que nosso discurso inconsciente e racializado não reproduza e nem apoie as violências supremacistas brancas, que age enquanto sistema influenciando as formações identitárias de todos independentemente da raça. É por essa razão que ela direciona a sua escrita além da casa racial e se apoia no pensamento de Martin Luther King. Para ela, King possibilitava através de seus discursos e ações a “promessa de que tanto opressor quanto oprimido poderiam se recuperar das feridas da desumanização” (HOOKS, 2022: 157).

Nas palavras da autora: “qualquer pessoa, e especialmente qualquer pessoa negra que busque ir além da raça, pode encontrar na prática espiritual uma saída para as construções feitas pelo homem” (HOOKS, 2002: 285). Essa prática espiritual não está necessariamente presa a nenhuma construção religiosa. Trata-se de um esforço contínuo em se perceber em relação com o outro e com o espaço. Como disse Nêgo Bispo (2015: 90), a relação “respeitosa, orgânica e biointerativa com todos os elementos vitais é uma das principais chaves para compreensão. Pois sem a terra, a água, o ar e o fogo não haverá condições sequer para pensarmos em outros meios”.

De acordo com bell hooks (2022: 293-297), são necessárias, no mínimo, duas ações para a resistência contra a supremacia branca e seus derivados como o racismo. Primeiro, uma “constante vigilância crítica, porque em todos os aspectos da nossa sociedade a supremacia branca é normalizada”. E segundo, o amor e o amor-próprio “é uma escolha que envolve o indivíduo automaticamente em uma resistência política contra-hegemônica”. Assim, ao

concordar com Toni Morrison, bell hooks, W. E. B. Du Bois, Nêgo Bispo, dentre outros, pontuo que todos estão convocados a ir além da raça, como meio possível de superar o controle supremacista branco e como única saída para a remodelação do mundo enquanto lar.

Penso que examinar esses conflitos na tarefa de reconstruir a casa racial, já que a destruir não nos libertaria dos seus grilhões, favorecerá novas iniciativas na superação da narrativa dominante do mundo racial. Ou seja, sangrar a casa racial, incomodá-la, descentralizá-la é um exercício pertinente para “decifrar a desracialização do mundo”. Em outras palavras, uma “epistemologia que não seja nem marginalização intelectual nem reificação oportunista” (MORRISON, 2020: 133). Esse esforço em reformular essa narrativa única torna-se cada vez mais urgente, para Toni Morrison (2020, p. 185) “é possível que nossas vidas dependam dele”.

Mas por que é tão difícil romper o véu da raça? Ultrapassar a casa racial? Ou fechar a ferida colonial? Segundo W. E. B. Du Bois (2021), são desafios difíceis de enfrentar porque barram na engenhosa “fossa da linha de cor”. Essa linha que se encontra escancarada na pele e nos sobrenomes. Para Morrison (2020), é difícil rompê-la porque nossos “contradiscursos” são tão raciais quanto a casa racial que nos aprisiona. Romper com eles implicaria sair da casa racial, o que nem todos estão prontos para fazer, e a grande maioria não tem como ou oportunidade de fazê-lo, pois, de acordo com bell hooks (2022), essa casa racial é manipulada pelas forças sociais dominantes que perpetuam a violência da desigualdade, impulsionada e quase exclusivamente pelo discurso da supremacia branca. Diante disso, Toni Morrison (2020) reinterpreta essa casa racial por meio da metáfora do lar, esmiuça outras rotas, possibilidades, olhares, (re)interpretações para a (re)construção de um lar onde todos possam caminhar para além das fronteiras raciais. Ainda nessa atividade, decifra os enigmas das próprias palavras, do próprio pensamento e da própria casa racial, com a esperança de desamarrar todos das correntes e abrir as portas e janelas de todas as casas raciais.

2. Negro Brasileiro: Elemento Formador da Sociedade Brasileira por Beatriz Nascimento

Mas como pensar para além da casa racial no Brasil, um país onde raça é definida principalmente pela cor da pele? Segundo Clovis Moura (1988), ela aparece como signo, ponto de referência para a formação da raça negra, bem como ponto de partida para a memória da escravidão e, além disso, é marca utilizada para traçar uma ponte identitária entre negros brasileiros e negros africanos como se, no Brasil, os negros tivessem sido mantidos como sujeitos de sua cultura africana.

Desse modo, analisar a condição do negro da diáspora de dentro da casa racial consiste em adentrar nessa casa para então reconstruí-la. Não confunda ir além dela com a defesa da convivência harmoniosa entre os sujeitos da “copresença³” (PRATT, 2008; HALL, 2023). Pelo contrário, ir além recai na capacidade de analisar e perceber as tensões que as formam. O que não anula as hierarquias de poder, pois há consciência de que, por mais que observemos tanto o negro quanto os brancos cativos a essa casa, para o colonizador foi confortável manter-se preso a ela. Nela, ele pôde exercer seu poder e organizá-la de maneira que o mantivesse no topo. Ao pensar raça no Brasil, um ponto importante é o esforço de não internalizar uma prática de “perpetuação das mistificações, de estereótipos que remontam às origens da vida e história de um povo que foi arrancado de seu habitat, escravizado e violentado na sua história real” (NASCIMENTO, 2021: 38-39). Essa atividade de rememoração é importante como ponto de partida, mas não como seu fim.

Muitos estudos mostram que a situação do negro na sociedade brasileira não pode ser confundida com a de outros grupos marginalizados. Conforme Abdias Nascimento (2016: 136), “a posição do negro brasileiro num Brasil dominado pelos brancos difere dos negros em sociedades similares”. Isso porque o racismo é uma marca da continuidade da escravidão, refletida nas opressões cotidianas sofridas por grande parcela da população e reforçada por outras questões de gênero e classe.

Tudo isso aflora quando enroscado à ideia da casa racial, já que no Brasil nunca tiveram intenções “serias de nos estudar como raça” (NASCIMENTO, 2021: 41). Esses conflitos nascem de uma casa racial mal arquitetada e, portanto, as relações são marcadas por tensões identitárias que não são externas a nós, ao contrário são internas se manifestando muitas vezes

³ Ao longo da minha dissertação, realizada sob a orientação do Prof. Dr. Roland Walter, PPGL-UFPE, intitulada: *Transcrita das Escrivências Literárias de Conceição Evaristo e Miriam Alves: vozes negras suplantando o trauma escravocrata*, estudei e reinterpretei, por meio da concepção de “Co-presença, a Diáspora Negra enquanto espaço traduzido e agente dessa tradução,” (PRATT, 2008; HALL, 2023).

violentas e intolerantes. Isto é, “a presença, o confronto com o outro nos incomoda também” (NASCIMENTO, 2021: 40). Segundo Lélia Gonzalez (2020: 58), “duas concepções ideológicas definem, de maneira dúbia e distorcida, a identidade dos negros na sociedade brasileira: por um lado, a noção de democracia racial, e, por outro, a ideologia do branqueamento”.

Para Beatriz Nascimento (2021: 41), “as pessoas veem minha cor como meu principal dado de identificação, e nesta medida trata-me como um ser inferior”. Isso pode ser observado quando pessoas negras mesmo tendo muito dinheiro não são isentas do racismo. Para o colono branco, não mais europeu, mas certamente branco no Brasil, a cor e o status ganharam novas camadas e interpretações que os mantiveram no poder. É por isso que o racismo é uma das maiores crises sociais brasileiras. Se a cor é o que marca essa casa racial mal construída na Diáspora Negra Brasileira, pergunto: como superá-la, como viver sobre ela e assim observar as tensões identitárias do seu limbo? Para isso deve-se atentar para o principal elemento norteador na formação dessa sociedade, que segundo Beatriz Nascimento (2021), Lélia Gonzalez (2020), Abdias Nascimento (2016) e Clovis Mouras (1998): é o “negro brasileiro”, acrescento nessa discussão o corpo indígena. Isso significaria reconhecer, restabelecer seu lugar, seu papel na representação social, política e econômica.

Para isso, é necessário entender o negro como agente ativo na formação deste país. Para a autora, teorias que tentavam explicar a sociedade brasileira em seus aspectos ideológicos, sociais e identitários foram importadas da “ciência social europeia ou norte-americana⁴” (NASCIMENTO, 2021: 47). O que não era suficiente, pois as experiências da escravidão dos negros africanos no Brasil tinham muitas especificidades. Dentre elas estava a consolidação em larga escala da democracia racial com o processo de mestiçagem como uma oportunidade para salvar a nação da negritude:

Para o entendimento de nossa sociedade é necessário conhecer um elemento de suma importância na sua formação histórica. [...] O elemento a que nos referimos é o negro brasileiro, que só pode ser entendido a partir de um estudo profundo da ideologia nacional e das suas implicações num todo social, do qual, por força do preconceito racial (dentro daquela ideologia), é posto à margem (NASCIMENTO, 2021: 47-48).

⁴ Ou seja, estadunidense.

Perante isso, pontuo que o negro não só participou da formação da sociedade brasileira, como esteve presente (e agente) na casa, na mesa, na cama, nas lutas políticas e no sangue desse colonizador. Nas palavras da autora, “para todo lado que o branco olhar, irá se deparar com o espectro daquele que ele escravizou e que corrompeu” (NASCIMENTO, 2021: 48). Logo, é necessário estudá-lo na “prática de ainda não pertencer a uma sociedade à qual consagrou tudo o que possuía, oferecendo ainda hoje o resto de si mesmo” (NASCIMENTO, 2021: 49). Antes de entender esse sujeito somente como uma extensão cultural do continente africano, ele deve ser entendido como um sujeito negro brasileiro construído com raízes ancestrais africanas, em um passado doloroso e traumático.

Com a estratégia de manter esse negro à margem como elemento que apenas participou da formação da sociedade brasileira, mas que a ela não pertence, tentam a qualquer custo o endereçar “identitariamente” para os mitos de uma pureza cultural que não existe mais. Todos esses mitos sobre a pureza e a consciência de uma raça marcada pela cor são correntes que fomentam a casa racial na Diáspora Negra Brasileira. Uma casa que eles, os colonos, construíram. Então, “querem nos inculcar conceitos seus, impregnados de sua cultura” (NASCIMENTO, 2021: 50). E, dessa forma, a consciência de si e das correntes desta casa racial “só pode nascer de nós mesmos através da formação de uma consciência do dominador” (NASCIMENTO, 2021: 50).

Por isso é necessário (re)construir a consciência da casa racial e de suas correntes conjuntamente, colono e colonizado, Beatriz Nascimento (2021: 51) aponta para a importância de o branco brasileiro desmistificar “o complexo de inferioridade que possui em relação à Europa ou aos Estados Unidos”. Apenas depois disso, ele poderá encarar e aceitar o negro brasileiro e aceitar-se assim como nós somos, conjuntamente: “aceite ser parte de nós, ter sido alimentado, amado e defendido por nós, aceite ter negado na prática sua moral, sua religião, sua cultura dormindo conosco na cama, amamentado por nossas mulheres, defendido e instruído por nossos homens”. Já passou da hora do branco brasileiro se aceitar “sem culpa, sem preconceitos. Aceite-se tão miserável quanto seus escravos, tão famintos quanto eles, tão inculto quanto eles (ou mais), talvez assim alguma coisa de nós possa ser útil para a compreensão de sua sociedade em crise” (NASCIMENTO, 2021: 51).

Por isso, o alerta desperta que já passou do tempo de “falarmos de nós mesmos não como “contribuinte” nem como vítimas de uma formação histórico-social, mas como participantes

dessa formação” (NASCIMENTO, 2021: 65). O negro brasileiro não é apenas patrimônio de parte da cultura, ele é toda a cultura brasileira porque ele a construiu juntamente com milhares de indígenas. Acredito que se colocar sobre essa casa racial e investigar as relações entre o presente e passado pode levar a um caminho alternativo para reconstruir esta casa e torná-la um lar. Para tanto, olhar sobre a casa racial significa, antes de tudo em sua formação, identificar as projeções que se constroem para a reprodução das estratégias de dominação neocolonial. Tendo reconhecido que essa narrativa e esse pensamento de dentro dessa casa são tão raciais quanto sua formação original, podemos reconstruí-la sempre perguntando o que é da casa racial e o que é do negro brasileiro, ou seja, o que é nosso e o que fomos levados a acreditar que era.

3. Miriam Alves e Conceição Evaristo de dentro, entre e sobre a casa racial

Como apresentado anteriormente, analiso as personagens dentro das (ou entre as) barreiras da casa racial e as relações identitárias marcadas por tensões culturais. Para tanto, investigo, por meio da “transcrita das escrituras⁵” das personagens, os caminhos alternativos para a identificação dos conflitos da casa racial. Em *Ponciá Vicêncio*, analiso, principalmente, duas personagens: Luandi Vicêncio e seu pai. Depois, analiso as escrituras de Ponciá Vicêncio. Já em *Maréia*, investigo a formação da casa racial em Alfredo Albuquerque e em Maréia. Diante disso, pesquiso como as personagens estão presas aos grilhões da casa racial e como isso se intensifica quando pensada a figura do negro brasileiro, conforme explicitado por Beatriz Nascimento (2021).

No livro *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo relata a vida de uma família em condições análogas à escravidão, focando na trajetória da protagonista, Ponciá. Silêncio e morte sempre marcaram a vida da menina que moldava o mundo com barro. Esse barro-memória revelava segredos e histórias ocultas de seu povo, sendo um legado da oralidade e memória africana, enraizado nos corpos e na terra negra das Américas.

⁵ Para entender teoricamente a relação ‘transcrita das escrituras’, que investiguei durante o mestrado, recomendo a leitura do artigo resultante do segundo capítulo da minha dissertação, intitulado: *Transcrita das Escrituras Literárias de Conceição Evaristo e Miriam Alves*. Também sugiro a leitura da minha dissertação mencionada anteriormente.

O pai de Luandi e Ponciá, pajem do sinhozinho, aprendeu na pele o quão difícil era o contato diário com os da casa grande. Humilhado e sozinho, transferiu todo o seu rancor, raiva e ódio para seu pai. Pois, já que nascera sob a Lei do Ventre Livre, por que permaneciam ali trabalhando dia após dia para o senhor branco, símbolo de toda a sua dor e sofrimento? Em vários trechos percebo a continuação fiel do sistema escravocrata, que ainda regia a vida da família de Ponciá Vicêncio:

Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do senhô-moço. [...] Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele não chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. [...] Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres por que continuam ali? Por que, então. Tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? (EVARISTO, 2017: 17).

Nessas passagens, há a barreira colonial, que se revestiu e se remodelou ao longo do tempo em uma espécie de casta racial, entre os povos. De um lado o opressor que emanava (e emana) morte, violência e desgraça para as pessoas negras. Do outro lado, um menino negro que assistiu à loucura abater o seu pai, levando sua mãe e deixando apenas um velho que de risos ecoava choros e gritos sufocados no peito, no corpo e na alma. Choros que já não era capaz de conter:

[...] Vô Vicêncio com a mulher, os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do “Ventre Livre”, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançam contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mãe. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele independente do seu querer. Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Alimentava-se das sobras. Catava os restos dos cães, quando não era assistido por nenhum dos seus. Viveu ainda muitos e muitos anos. Assistiu chorando e rindo aos sofrimentos, aos tormentos de todos. E só quando acabou de rir todos os seus loucos risos e de chorar todos os seus insanos prantos, foi que Vô Vicêncio ficou-se calma (EVARISTO, 2017: 44-45).

O pai de Luandi Vicêncio representa um personagem negro que poderia ser visto como alguém que “odeia os brancos”. E talvez, odiasse. São escrevivências que produzem imagens das atrocidades cometidas pelos colonos e do tártaro vivido pelos negros. Sendo assim, observo a casa racial como fruto, herança e manutenção desse mundo racializado e cristianizado nas diversas violências escravocratas. Mais tarde, Ponciá Vicêncio, no quartinho de empregada, reconstrói a metáfora da casa grande e senzala. Depois de partir das terras que julgava manter todos naquele pesar, encontra-se em meio ao vazio da cidade grande. As amarras construídas pela colonização foram transmutando-se nas mudanças de uma sociedade moderna neocolonial.

Esses grilhões não cessaram com a abolição da escravatura. Ao contrário, são reinventados em prol da manutenção do capital, dos poderes políticos e sociais dos colonizadores. Os discursos da casa racial, segundo Toni Morrison (2020), agem de maneira a controlar em todas as direções suas narrativas e, muitas vezes, sobrepõem um poder por outro na sua incansável engrenagem. Como discutido no início do capítulo, se a casa racial controla o capital, as relações, os discursos, as narrativas em todos os âmbitos da sociedade, como sair dela? Segundo a autora, a saída dessa casa por enquanto não é real. Por isso, ela construiu a metáfora do lar. Isto é, a possibilidade de que mesmo habitando essa casa seja possível remodelá-la.

Até o momento, observo que o pai de Ponciá talvez não tenha conseguido vislumbrar algo além das feridas da plantação. Entretanto, isso se deve ao fato de ter a sua espera uma família, a qual ele e sua esposa precisavam nutrir, além do contexto social e histórico que vivia. No entanto, percebo a compaixão em entender o pesar do pai como vestígio de que algo se transformou internamente e que aquele rancor estava aos poucos diluindo. Com isso, não estou afirmando que ele saiu ou remodelou a casa racial, mas que fez o possível para abrandar os pesares que se ramificavam em sua alma. Com a herança do seu pai viva no corpo de Ponciá, sua filha, aprendeu mais uma vez a se familiarizar com a permanência daquele que sempre foi tão injustiçado. Olhando para o pai da família Vicêncio não consigo vislumbrar por completo o que Toni Morrison propõe com a metáfora do lar. No entanto, ao identificar a ramificação do perdão, do amor e do cuidado nas ações silenciosas dele para a família, percebo o indício ou o início dessa atividade difícil e dolorosa.

Contudo, ao observar as escrevivências de Luandi percebo que ele transforma um lugar que hoje é um tártaro para os povos negros em uma possível casa. Ele enxerga uma saída, uma

janela atrelada à presença do soldado Nestor. Mesmo trabalhando em atividades destinadas às pessoas negras, como cozinhar, limpar e passar, ele remodela a delegacia em um lugar possível de habitar, mas ainda não em um lar. Isso não significa que, nesse lugar, a raça não fosse importante. Pelo contrário, Luandi Vicêncio executa atividades que são consideradas como “trabalho de negro”, mas, para ele, foi um lugar possível de habitar em meio à solidão, à violência e marginalização da cidade grande:

Luandi José Vicêncio gostava de trabalhar na delegacia. O momento de que ele mais gostava era quando chegavam os presos. Alguns chegavam assustados, acuados. Outros vinham com as feições carregadas de ódio. Ele ficava encarando um por um na tentativa de descobrir quem era culpado e quem era inocente. Tinha a impressão, às vezes, de que todos eram inocentes, mas ao mesmo tempo culpados. Seu coração doía um pouco. Sentia-se também preso em cada um deles (EVARISTO, 2017: 63).

Obviamente, nesse processo de remodelação da casa racial, haverá narrativas formadas por ela mesma, já que ela se situa de dentro da Diáspora Negra, a qual analisei enquanto espaço narrativo traduzido e agente dessa tradução na “copresença” (PRATT, 2008; HALL, 2023). O próprio sonho de Luandi Vicêncio de se tornar soldado pode se configurar como uma narrativa criada e controlada pelos grilhões raciais. Visto que a motivação inicial era possuir ao menos um pouco do poder que tanto via nos corpos brancos. Só depois de presenciar as atrocidades que pessoas como ele estavam à deriva naquele espaço, ele começa a questionar os significados que sua presença representaria naquele lugar. Nesse momento, ele decide retornar ao lugar de onde partiu: o lar que habitava e dividia com sua mãe, irmã e com a memória de todos que já se foram:

No primeiro dia de trabalho de Luandi José Vicêncio na delegacia, chegou um moleque acusado de roubo. Era um rapaz meio amulatado de olhos claros, que tinha sido pilhado rondando o armazém dos espanhóis, que ficava perto da delegacia. [...] O delegado terminou a preleção dizendo ao rapazinho que, se dependesse dele, cortaria as mãos de todos os ladrões.

[...] Ao ouvir o discurso do delegado sobre mandar cortar as mãos, Luandi voltou ao tempo de infância. Viu diante de si a figura do avô com o braço cotoco escondido, rindo-chorando-falando sozinho. Pela primeira vez pensou nele com carinho (EVARISTO, 2017: 62).

Mesmo diante do seu regresso, enquanto estava na cidade, ele “tinha feito dali a sua casa”. Com o tempo e as relações mantidas na delegacia, percebo que o olhar e o sentimento da personagem mudam. Agora, a delegacia era apenas um lugar de que ele precisava. Essa certeza vem de vez após o feminicídio de sua amada, Biliza. Entregue à dor, à solidão e à tristeza, ele se encontra totalmente perdido. Mas ainda restava o soldado Nestor, sua âncora que lhe impediu de afundar. Quando o soldado Nestor encontra Maria Vicêncio na estação, foi como se encontrasse a alma de Luandi, seu lar. Para Ponciá Vicêncio e sua família, o que lhes possibilitava pensar ou agir além dos grilhões da casa racial era o amor familiar e a relação entre corpo-terra-memória, que, por meio delas, preservava as heranças religiosas, as quais produziam os meios para o trabalho da cura.

Já a análise das escrevivências de Ponciá Vicêncio, sobre (e sob) a casa racial, foi motivada pelo seguinte questionamento: como ela transformaria a casa em um lar em meio à loucura? Primeiro, não entendo como loucura os regressos de memória vividos pela personagem. Contudo, mesmo se fosse, ela ainda seria capaz de remodelar a casa que habita. E assim ela faz. A sobrevivência da personagem apenas foi possível naquela cidade, devido às idas e vindas das memórias que ela tanto cultivava. Mas, antes de identificar como a personagem remodela essa casa, é preciso perceber de qual lugar estou partindo para observar essa transformação. Só após isso, será possível entender como a volta às lembranças, às angústias não findaram exclusivamente em dor e sofrimento:

Fechou os olhos e relembrou da casinha de chão de barro batido de sua infância. O solo era todo liso e por igual, mesmo seco dava a impressão de ser escorregadio. Tudo ali era de barro. Panelas, canecas, enfeites e até uma colher com que a mãe servia o feijão. Ao lembrar da mãe, sentiu um aperto no peito. O que acontecera com ela? Teria morrido? [...] Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio (EVARISTO, 2017: 24).

O lar que está sendo remodelado por Ponciá Vicêncio é aquele do barro e do rio: “[...] e, quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda” (EVARISTO, 2017: 110). O lugar que antes ela precisou partir. As memórias foram as ferramentas de (re)elaboração do trauma e

da dor. O caminho que a conduziu para a outra *face* da história. As memórias possibilitaram compreender um passado-presente e foram a chave para a (re)modelação do barro-vida.

O barro como cura, como fuga, como meio para cultivar todos os que já se foram. Como herança de uma identidade africana que insistia em permanecer e permaneceria em qualquer lugar que ela fosse. Foi através da rememoração, que Ponciá Vicêncio remodelou seu destino e habitou um lar. Não confunda habitar o lar com o viver em um lugar livre de tensões identitárias. Não se trata disso. O lar é a possibilidade de dialogar com as distintas *faces* em conflito, transformando-o em um espaço bom e justo para todos. Um lugar que lhe possibilite cultivar e direcionar o amor para si e para os outros (hooks, 2022). Ou seja, um espaço de refazimento *do self*. Ponciá e Maria Vicêncio são, a meu ver, as personagens que mais quebraram os grilhões raciais. Elas (re)modelavam o barro em vida, arte, paixão, dor, medo e perdão.

Logo, as escrevivências das personagens revelam a metáfora do lar como algo em constante fazimento. Isso é observado no livro, na forma de viver por entre espaço-tempo de Ponciá, no olhar compreensivo do Pai Vicêncio para Vô Vicêncio e sua filha, que carregava a herança do velho triste-risonho. Também na forma ingênua que Luandi transforma a delegacia em casa, antes de vê-la como opressão para ele e outros como ele e o soldado Nestor. O lar, em toda a obra, estava sendo habitado e (re)modelado. Para Luandi, foi sempre um lugar físico. Para o Pai Vicêncio, nem sempre. Encontrou nos sentimentos que ainda o habitavam. Já para Ponciá Vicêncio, foi um lugar na memória, um lugar recriado pelas águas-mães e pelo barro. Ela habitava e era habitada concomitantemente por aquilo que não se perdeu, que não foi trocado e que não se transculturou, e pelo que foi transculturado, o que foi perdido e remodelado. E, assim, refaz seu caminho e (re)constrói seu lar.

Já no livro *Maréia*, Miriam Alves conecta duas famílias e suas histórias através das memórias da escravidão, que atravessam o tempo e o espaço entre o passado e o presente. A obra é baseada na religião de matrizes africanas. São narrativas e destinos que, mesmo após séculos, ainda parecem carregar os grilhões coloniais em suas profundezas. Um está preparado para matar, o outro está pronto para sobreviver. Esses destinos, em certo ponto da narrativa, se comunicam, mesmo que brevemente. O principal diálogo surge do corpo, da herança devolvida a Maréia, que simboliza o retorno à porta do não retorno e persiste em reescrever nossa história nos sonhos de Dona Déia e Maréia.

Nessa obra, a casa racial é mais evidente. As barreiras e as correntes que os prendem são concretizadas pelos moldes sociais que a família Albuquerque alimenta e reproduz. Foi nesse romance que notei, ou melhor, entendi o que Toni Morrison (2020) problematizou quando ela afirmou que o mundo por estar racializado é uma grande casa racial. Analiso, na obra, como esses corpos permanecem separados por meio dos grilhões raciais. Antes é preciso entender que quando eu falo de correntes raciais estou levando em consideração todas as colonialidades, assim como a interseccionalidade das violências de raça, gênero e classe⁶.

Desse modo, Miriam Alves narra a Mansão Albuquerque como um símbolo concreto da casa racial, que age na manutenção do poder. Por muito tempo, Alfredo idealizou uma história magnífica, honrosa, cheia de glórias e atos heroicos de seus antepassados. O importante nessa idealização é o meio pelo qual ela foi concretizada. Ela foi registrada como a verdadeira história nos livros e nas pinturas, que ornamentavam a grande sala da mansão e do “mundo ocidental e europeu”. Mesmo quando ele descobre a verdade por trás de todo o dinheiro e “elegância”, já não era capaz de desvencilhar-se dela. E, quando pontuo isso, não me refiro ao fato de que Alfredo deveria renunciar a todo o dinheiro, mas sim ao que poderia mudar nas suas relações e nas formas de enxergar e lidar com os conflitos de uma sociedade que não era a mesma de 1500:

Na biblioteca da mansão, seu refúgio desde a infância, Alfredo permanecia horas, na cadeira-trono, segurando um grosso livro de história medieval, aberto na página que estampava o retrato do senhor de Castela. Com um olhar vago, semblante ausente, mirava fixamente para a ilustração, não faziam sentido as histórias que ouvira do pai, já não era mais aquela criança que acreditava (ALVES, 2019: 52).

Não mais vagava sem rumo pelos cômodos da mansão, envolto em lembranças, sob os olhares estáticos dos homens-retratados, que simbolizavam a soberba, expostos na parede da sala de jantar, que se autodenominavam superiores; por uma lógica biológica natural, exerciam o lema, passado de geração a geração. “Há os que vieram ao mundo para mandar e serem servidos, e os que vieram para obedecer e nos servir. Essa é a lei da humanidade.” Com o intuito de garantir a perpetuação, assegurando o caráter imutável e intransferível de poder, do topo da escala social, utilizavam-se de recursos, muitas vezes inescrupulosos, criando mecanismo impeditivos (ALVES, 2019: 56).

Logo, a decisão de Alfredo, quando desperta a esperança de cura para sua doença, perpetua a sede por riqueza dos Albuquerque. Ele então decide livrar-se do objeto que

⁶ Conforme Mignolo (2017); Lugones (2008) e Lander (2005).

acreditava ser realmente uma maldição. E sentia-se como um poderoso magnata ao executar a única atividade que o rigoroso testamento lhe permitia. Escolheria o projeto que receberia o financiamento de sua riqueza. Doente e furioso, pela primeira vez, tomava uma decisão longe da presença do avô:

Ao decidir sobre a quem destinaria as verbas, Alfredo sentia-se prestigioso, pertencente àquela presunçosa galeria, deleitava-se ao ver as solicitações, que se amontoavam na escrivaninha. [...] Com empáfia, tentando imitar Dom Alfonso, pronunciava em voz alta: ‘Eu lhe concedo’.

[...]

Refreando o asco e o prenúncio de outro vômito, limpou a substância viscosa, leu em voz alta o título do projeto: “Réquiem à marujada – vozes que nos habitam – duetos e solos de flauta e violoncelo”. As especificações eram ambiciosas, previam um financiamento considerável pelo período de dois anos. O custeamento de quarenta músicos, maestro, equipe de apoio, equipe de som, luz, cor, equipamento de cenário, apresentações em teatros municipais das importantes capitais do país. Alfredo, molhado, sujo de catarro, fez pose de pretensa fidalguia, num cenário asqueroso, um verdadeiro caos, impregnado de suor e cuspe, impostando tom senhorial, pronunciou de si para si: “concedo”. Soou desolador, como um gemido de criança com prisão de ventre. Sorriu como menino mimado, possuidor de inúmeros brinquedos (ALVES, 2019: 56).

Nessas cenas não existia a presença de um Alfredo que pudesse reescrever um futuro longe do passado vergonhoso do seu sobrenome. Ao ler *Maréia* ficou o seguinte questionamento: será possível reconstruir a casa racial em um lar neste modelo de sociedade? Como Alfredo poderia remodelar o seu mundo em relação a outros mundos? Como bem grafou Toni Morrison (2020), não é uma tarefa fácil! É tão difícil que, até para internalizar a menor das possibilidades de (re)construção dessa casa em lar, é preciso livrar-se de muitos dogmas da própria casa racial, a qual formula todos os discursos que direcionam as lentes apenas para uma direção, como se não existissem outros caminhos, outras paisagens, outros solos, outros lugares possíveis de habitar.

Assim, os Albuquerque fazem de tudo para se manter no topo. Enfrentam dia após dia a morte imbricada em toda a mansão e em seu destino. Esconde e trancafia o monumento ancestral e identitário da família (ancestrais) de Maréia. Não deixam nenhuma brecha de saída dessa casa racial e atuam fortemente para que ela permaneça intacta e imutável. Eles reproduzem o que Beatriz Nascimento (2021) aponta como “complexo de inferioridade”. Negam

o seu outro lado, os negros. Aqueles que tiveram toda a sua cultura destruída pela sua sede de riqueza. Negam estar marcados com sangue negro e acreditam cegamente que há honra na atrocidade, no ódio, na violência, na destruição e em seu sangue. Tornam-se cativos das correntes que criaram para prender o outro, considerados por eles inferiores, primitivos. Estão presos, atados juntamente com seus prisioneiros. Uma existência resumida nas grandes paredes da mansão, cega e triste. Assim, as narrativas gloriosas de seu sobrenome permanecem escondendo toda a podridão nos cofres e por trás das grandes portas da mansão Albuquerque:

Curioso, eu os observava; eles informavam, com precisão, as condições do vento, como meninos do tempo, sem necessidade de usar os instrumentos. Pareciam conversar com as águas, os pássaros e os peixes; apanhavam, sem esforço, o suficiente para a alimentação. Tornaram-se indispensáveis, eram protegidos pelo capitão, que não retirou deles a estranha caixa e ameaçava punição severa a quem os molestasse. Confidenciou-me: “Deixe-os, ao chegarmos, vou vendê-los, junto com a tralha que carregam. São de valia agora, e de muito mais valia depois.” Eu os vigiava com curiosidade, não só para cumprir as ordens, mas pelos meus próprios interesses, se a caixa contivesse algo de valor, eu iria apossar-me, mas, naquele momento, era prudente cumprir o meu trabalho, para não correr o risco de perder a vida na lâmina do capitão. Eu os via à noite no convés; com o amontoado de carga, preparavam o nicho para dormir, frente a frente, como fossem reflexo no espelho, abriam o enigmático objeto, balbuciavam na língua selvagem deles. Uma luz azul brilhante resplandecia, cá para mim, era uma pedra preciosa, que despertava a minha cobiça, igual às que via, decorando os pescoços dos nativos, das localidades onde aportávamos, mas eu era impedido de surrupiá-las, para não comprometer o sucesso do comércio e dos lucros. A viagem transcorreu sem percalços; os negros, improvisos de grumetes, mandavam no clima, não houve tempestades, nem calmaria; singramos até a Colônia. Ao chegar, confiscamos a caixa-amuleto dos negrinhos, sem que esboçassem reação, como se soubessem que dela não se separariam (ALVES, 2019: 124).

Cumprindo a minha parte na farsa, escrevi para os credores no Porto, informando sobre o ataque de nativos canibais, eu, como o único sobrevivente do naufrágio, bem dizia a boa sorte de sair vivo do infortúnio. Mas não gastamos o dinheiro recebido, parecia termos contraído uma peste fulminante, uma gosma branca escorria pela boca e, por último, dois filetes vermelho sangue prenunciavam a morte rápida e dolorosa. Do capitão Fernão Albuquerque nunca mais tive notícia, sumiu, deve estar morto. Eu também já estou morto, é uma questão de dias. Procurei o comerciante para alertá-lo, ele não me quis ouvir, disse-me ser avesso a superstições de marinheiros, insisti, mas, logrado no meu intento, vou deixar no seu armazém esse diário, quem sabe ele se convença e se livre da caixa e dos negrinhos, antes que tarde seja (ALVES, 2019: 125).

Todo esse poder emanado pelas falsas narrativas e pela figura cética de Dom Alfonso. Controlava a vida do filho, netos e da nora para que daquela mansão germinasse o mais novo poder impiedoso e lucrativo dos Menezes Albuquerque. Representava, mesmo distante, os deveres que todos por trás das grandes portas precisavam executar, a perversidade da ganância a dominar e romper com o amor entre pai e filho, mãe e filho, marido e esposa. Moléculas de amor a ser contadas como se conta tesouros de ouro. O afeto substituído pela ordem, rigidez, acúmulo e poder.

Dom Alfonso, o todo-poderoso, com raiva muda, sofria a perda do neto predileto, e, impaciente com as atitudes degeneradas da nora, a confinou na redoma da loucura apartada da realidade, deixando-a consumir-se, afundada em remorsos, lamentos e delírios, assombrada por alucinações que a aterrorizava (ALVES, 2019: 88).

Conhecedor do poder, experimentador do menor resíduo da fortuna e do que isso o tornaria perante o modelo de sociedade que seus antepassados e outros igualmente a eles construíram, Alfredo amarrava o próprio corpo, o próprio coração e alma cada vez mais nos grilhões raciais que mantinham sua casa de pé, como marca, um modelo de um passado que estava a se remodelar: “[...] o primogênito, sabedor de que a ele se destinava o lugar de Dom Alfonso, imitava-o nos gestos e expressões” (ALVES, 2019: 40).

Enquanto Alfredo escolhe manter e ser mantido pelos grilhões da casa racial, Maréia vai além. Apoiada por toda a família, especialmente por Dorotéia, reescreve seu destino na Diáspora Negra. Resgata um passado que se faz presente através da música e atua na remodelação dos espaços que ocupa em lares. Lugares (re)escritos por ela no árduo trabalho de conhecer sua história e valorizar uma origem de muito tempo antes da escravidão. “Maréia absorta tocava. No retrato, o Ibiácy do Pífano parecia criar vida, sorria. Ela, emocionada, conectava-se com um legado ancestral, ouvia as palavras sábias da avó: “a música conversa com todas as coisas, com todas as artes, em tudo tem música” (ALVES, 2019: 25).

[...] um dia, como por encanto, passou a escutar as melodias da natureza. Primeiro um sussurro, depois sons ritmados, uma trilha sonora elaborada ia lhe enriquecendo a vida, acrescentando melodias às suas emoções. [...] Dorotéia, com orgulho, incentivava a neta, afirmava que aqueles que têm inclinação musical são atraídos pelos instrumentos, uma espécie de magia divina. Contava sobre os familiares de gerações precedentes com vocação e talento, que traziam a musicalidade nas veias, para dizer o

que lhes repercutia na alma, através do canto ou criando objetos sonoros (ALVES, 2019: 26).

Diferente de Alfredo, Maréia não precisa apenas esconder e manter o legado da família, era necessário nomear para (re)nomear, conhecer para desconstruir e, assim sendo, construir. Então, após concluir a pós-graduação, ela decide abrir uma escola de música: “Conservatório Musical Clave em Sol”. Mesmo diante de muitas dificuldades conseguiu manter e fazer a escola crescer. Depois de organizar a escola e se instalar na cidade grande, Maréia estava pronta para a prova de audição de instrumentista na Orquestra Filarmônica Municipal.

A mudança de Maréia não acontece apenas pela ocupação dos espaços que reproduzem os poderes neocoloniais. Mas pelas mudanças que ela fomenta naquelas instituições. A escolha do tema de pesquisa na pós-graduação, a abertura de uma escola de música, o fato de se manter em contato com os espaços que a querem longe e, por meio deles, firmar relações, criar e (re)criar caminhos que a levaram à concretização do projeto “Réquiem à marujada – Vozes que nos habitam” são alguns exemplos de escolhas conscientes e inconscientes para a transformação dos caminhos, lugares e criação de possibilidades para a superação das barreiras raciais.

No entanto, apesar de todo esforço e persistência de Maréia registrados na obra, os negros da diáspora lutam diariamente uma guerra contínua de pertencimento à terra que foi regada, cultivada pelo suor e sangue dos seus ancestrais. Quando Luandi Vicêncio, Ponciá Vicêncio e Maréia se deslocam para a cidade em busca da concretização dos sonhos usurpados por um sistema escravocrata, que reverbera mesmo depois de anos da abolição, deparam-se com outro modelo de sistema neocolonial.

Um modelo que os marginaliza, silencia, exclui, invisibiliza e que, em nenhum momento, teve a intenção de integrá-los à cidadania brasileira. Creio não ser necessário apontar que as experiências de Maréia, Ponciá e Luandi teriam sido bem diferentes se eles não tivessem que enfrentar as violências de raça, classe e gênero de uma sociedade moderna neocolonial. A invisibilidade desses corpos ingênuos, perambulando pela estação, pelas ruas, e de corpos fixos na calçada de uma igreja, tornou-se algo comum nessa ideia distorcida acerca do que seria uma sociedade. Beatriz Nascimento (2021) pontuou esse problema na formação da Nação brasileira, por meio da discussão do corpo transatlântico, chegando até os estudos sobre o negro brasileiro pelas lentes pretas do quilombo e da favela.

Duas famílias têm suas histórias interligadas no passado-presente. Uma, Albuquerque, presa às próprias correntes que criou para acorrentar os corpos negros. Enquanto a outra, Maréia, movimenta-se conforme o balanço das ondas do mar para (re)contar uma história traumática, construindo possibilidades de reescrever seu destino e de toda a sua família. Aqui, a música atua como a recriação da ponte para o diálogo e a memória para a cura.

E são nos interstícios das ondas recriadas que Maréia coloca os pés para fora da casa racial. Água, mar, oceano são reformulados no redescobrir e reescrever a história dos seus, Maréia e Dorotéia encontram nos segredos do mar os rostos e vozes perdidos na memória. Ou seja, “aliavam-se a Maréia, que era o mar e a areia, formando uma tríade simbólica, poderosa, das águas, com três infinitas possibilidades, um elo promissor e duradouro, interagindo entre o remanso de Anaya, o agito de Odara e o equilíbrio de Maréia” (ALVES, 2019: 66).

Tudo isso concretizado na “Orquestra de Câmera Encanto das Águas [...] Réquiem à Marujada – Vozes que nos habitam”, onde Maréia encantou, refletiu e foi refletida no brilho azul que emanava por todo o seu corpo na presença de “Nla ooni”

inundou-se em luz azul marítima, ora suave, ora intensa, uma criação teatral de ondas em alto-mar prenunciava a apoteose. As musicistas tocando, movimentavam-se como viajando em um navio. Alfredo, sugestionado pela melodia e performance cênica, contrariando sua severa educação, meneava o corpo como se estivesse navegando. Via-se nas histórias de aventuras e conquistas, lidas por Francisco, sentia um bem-estar de menino encantado, convencido de que, ao crescer, dominaria o mundo, comandaria como os de sua linhagem familiar. Embalado pelas alternâncias orquestrais, lenta, rápida, introduzindo, após a pausa, o solo de violoncelo (ALVES, 2019: 140).

É na apresentação de Maréia que percebo a remodelação da casa racial. A beleza, o encanto, o conforto e a harmonia entre vida, espaço e história, que estavam sendo construídos por Maréia e sua música são o elemento que aproxima e acalenta vidas passadas, vidas distintas, dores e traumas ainda sentidos. Pela primeira vez em toda a sua vida, Alfredo se viu feliz. Contagiado pelo som e movimentos dos corpos que estavam ali no palco. Revisitou as histórias gloriosas que tanto tentara acreditar quando menino. Imaginou, criou e se viu perante os barcos e as conquistas de seus antepassados. Maréia deu a Alfredo Menezes de Albuquerque a alegria, a esperança, o riso e o sentir vibrar todo o seu corpo na melodia da vida, das vozes passadas que ressoaram como se no palco habitasse o grande mar. Ela demoliu paredes da grande mansão

Albuquerque, contaminou-o com sua presença, beleza e amor. Pela primeira vez, o menino Alfredo sentiu algo verdadeiro. Ele se sentiu vivo! E assim, Maréia, inconscientemente, concedeu-lhe o perdão em seu momento final

Maréia solava com virtuosismo, entregava-se por completo, balançando o corpo como onda; com um trilo finalizou. O medalhão faiscou luminosidade azul, na reentrada da intensidade melódica, que transmitia a sensação de tempestade em alto mar, desgovernando navios, assustando marujos. Alfredo ia-se em devaneio, a chispa que irradiava do medalhão o atingiu, tremeu sentindo um redemoinho interno, considerou ser os efeitos colaterais, tantas vezes referidos pelo médico. Não relegou importância, acreditando ser mal-estar passageiro, próprio do tratamento. Concentrou-se no final do espetáculo, anunciado nas acrobacias dos focos de luzes, que destacavam cada uma das componentes; deteve-se em Maréia. Atordoado, com um turbilhão de sensações, o suor lhe escorria, num vislumbre ilusório, viu o medalhão arrebentar-se, como um dique, ele sentia-se prestes a implodir. As últimas notas ecoaram, as luzes se apagaram, aplausos entusiásticos. “Bravo! Bravo! Bravo!” – gritavam os mais afoitos (ALVES, 2019: 141).

A música, nascida do mar e do amor que fortalecia toda a família de Maréia, construiu o diálogo dentro da casa racial. Na voz de Miriam Alves (2019: 141), “a música havia conseguido o milagre de aproximar vidas paralelas”. Maréia e Dorotéia voltaram-se a ela, conheceram, observaram o que restou, juntaram os destroços que precisavam, (re)formularam a história e retomaram para (re)nomear, (re)construir, (re)modelar e (re)navegar novos mares: “dona Déia deteve o olhar na joia que a neta ostentava, lembrou-se de Marcílio pronunciando a frase. ‘O que nos pertence retornará. O mar devolverá. Assim que as coisas são, minha velha!’” (ALVES, 2019: 141).

Portanto, nas duas obras, a casa racial e outros poderes hegemônicos marginalizam os negros da diáspora, negando-lhes direitos e a possibilidade de (re)construir seu destino, ancorados em narrativas brancas e eurocentradas. Mesmo assim, as personagens criam formas e caminhos alternativos dentro dessa lógica autoritária, buscando descentralizar as opressões de raça, classe e gênero. Outro ponto presente na remodelação desta casa em um lar, é o amor. Ponciá Vicêncio cultiva o amor e a esperança de reencontrar aqueles que eram importantes para ela e que a ensinaram amar a vida, o barro e o rio. Já Luandi Vicêncio nutre o amor ingênuo e doce por Biliza e, através dele, sonha em construir outro futuro. Também, o amor é como andarilho nas trajetórias de Maréia, Dorotéia e Marcílio.

Desdobramentos que se metamorfoseiam no tempo-espço

A partir da metáfora do “home” de Toni Morrison (2020), trabalho possibilidades de diálogos entre as tensões identitárias de dentro da casa racial. O objetivo é instigar produções voltadas para a elaboração de uma saída dessa casa, onde todos estão acorrentados pelos seus grilhões raciais. No Brasil, conforme Beatriz Nascimento (2021), trabalho o negro brasileiro como ponto central nas discussões políticas, sociais, econômicas e culturais. Ou seja, como agente na formação da sociedade brasileira. Diante disso, foi possível analisar as tensões de dentro da casa e elevá-las para o seu exterior nas duas obras.

Deste modo, entendo a produção teórica de bell hooks (2022), Toni Morrison (2020), Beatriz Nascimento (2021), Lélia Gonzalez (2020), Abdias de Nascimento (2016), Darcy Ribeiro (2015), Kabengele Munanga (2009) e dentre outros como “fronteira de pensamentos”. Por isso, antes de pensar a saída dessa casa racial, foi necessário (re)interpretar a Diáspora Negra enquanto espaço narrativo traduzido e agente das traduções. Enquanto o branco, ao mesmo tempo que tornou o negro cativo, se fez personagem do cativo. Estuprando, matando e destruindo nosso povo, negociou no mercado de gente seu próprio sangue.

A partir da minha pesquisa, compreendo que a saída da casa ainda não é possível. Mesmo se colocado sobre ela, as personagens, autoras e eu ainda permanecemos nela. Obviamente que essa permanência é diferente da anterior, pois reclamou criticidade em investigar as teias que acorrentam a todos, seja o colonizador ou o colonizado. Como discutido anteriormente, não se trata de uma tarefa fácil. Entender e muitas vezes ultrapassar os sentimentos da descrença, da exclusão, do genocídio diário e do não pertencimento, para então conseguir olhar o outro (outro que mata, segrega e é o detentor do poder) como ser tão preso quanto nós à casa racial, materializa-se em uma das tarefas mais difíceis para todos os corpos que foram escravizados mais difíceis para todos os corpos que foram escravizados e que, ainda hoje, vivem os resquícios da escravidão.

Mas, mesmo diante disso, afirmo o desejo de ultrapassar qualquer discurso nascido no limbo desta casa. Desejo esse expresso nas vivências das personagens. Me coloco aqui enquanto mulher que escreve a partir de um lugar que, muito antes, já havia se inscrito em mim: um lugar de memória, às vezes minha, outras não. Mas que, no fim, são todas minhas também. Como

colocou Toni Morrison (2020), derrubar e remodelar a casa racial é uma tarefa de todos nós. E, por isso, pergunto: como sair, ou reformar uma casa que, a cada segundo, reforça seus andaimes?

Referências bibliográficas

- ALVES, Miriam (2019). *Maréia*. Rio de Janeiro: Malê.
- BRAND, Dionne (2022). *Um mapa para a porta do não retorno*: notas sobre pertencimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora.
- DU BOIS, W. E. B (2021). *As almas do povo negro*. Tradução de Alexandre Boide. São Paulo: Veneta.
- EVARISTO, Conceição (2009). Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, pp. 17-31, dez. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- EVARISTO, Conceição (2017[2003]). *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas.
- hooks, bell (2022). *Escrever além da raça*: teoria e prática. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Elefante.
- GONZALEZ, Lélia (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- HALL, Stuart (2023). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- KING JR., Martin Luther (1963). *Eu tenho um sonho*. Discurso proferido na Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade, Washington, D.C. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aWlhPFH0I-Y&t=98s>>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- LANDER, Edgardo (2005). *A colonialidade do saber*: eurocentrismo e ciências sociais –perspectivas latino-americanas. Argentina: CLACSO.
- LUGONES, María (2008). Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, v. 1, n. 9, pp. 73-111, jul./dic. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero_9/05lugones.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- MIGNOLO, Walter (2017). Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, pp. 1-18, jun. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2023.
- MORRISON, Toni (2020). *A fonte da autoestima*: ensaios, discursos e reflexões. Tradução de Odorico Leal. São Paulo: Companhia das Letras.
- MOURA, Clóvis (1988). *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Editora Ática.
- MUNANGA, Kabengele (2009[1999]). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Identidade nacional versus Identidade negra. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- NASCIMENTO, Abdias (2016[1978]). *O genocídio do negro brasileiro*: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva.

- NASCIMENTO, Maria Beatriz (2021). *Uma história feita por mãos negras*. Org. Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar.
- PRATT, Mary Louise (2008[1992]). *Imperial eyes: travel writing and transculturation*. 2 ed. London: Routledge.
- RIBEIRO, Darcy (2015). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 3 ed. São Paulo: Global.
- SANTOS, Antônio Bispo (2015). *Colonização, Quilombo: modos e significados*. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI.
- SANTOS, Antônio. Bispo (2020). *Início, meio, início*. Conversa com Antônio Bispo dos Santos. [Entrevista concedida a] Joviano Maia. *indisciplinar*, Belo Horizonte - Minas Gerais.
- WALTER, Roland (2009). *Afro-América: Diálogos Literários Na Diáspora Negra Das Américas*. Recife: Bagaço.